

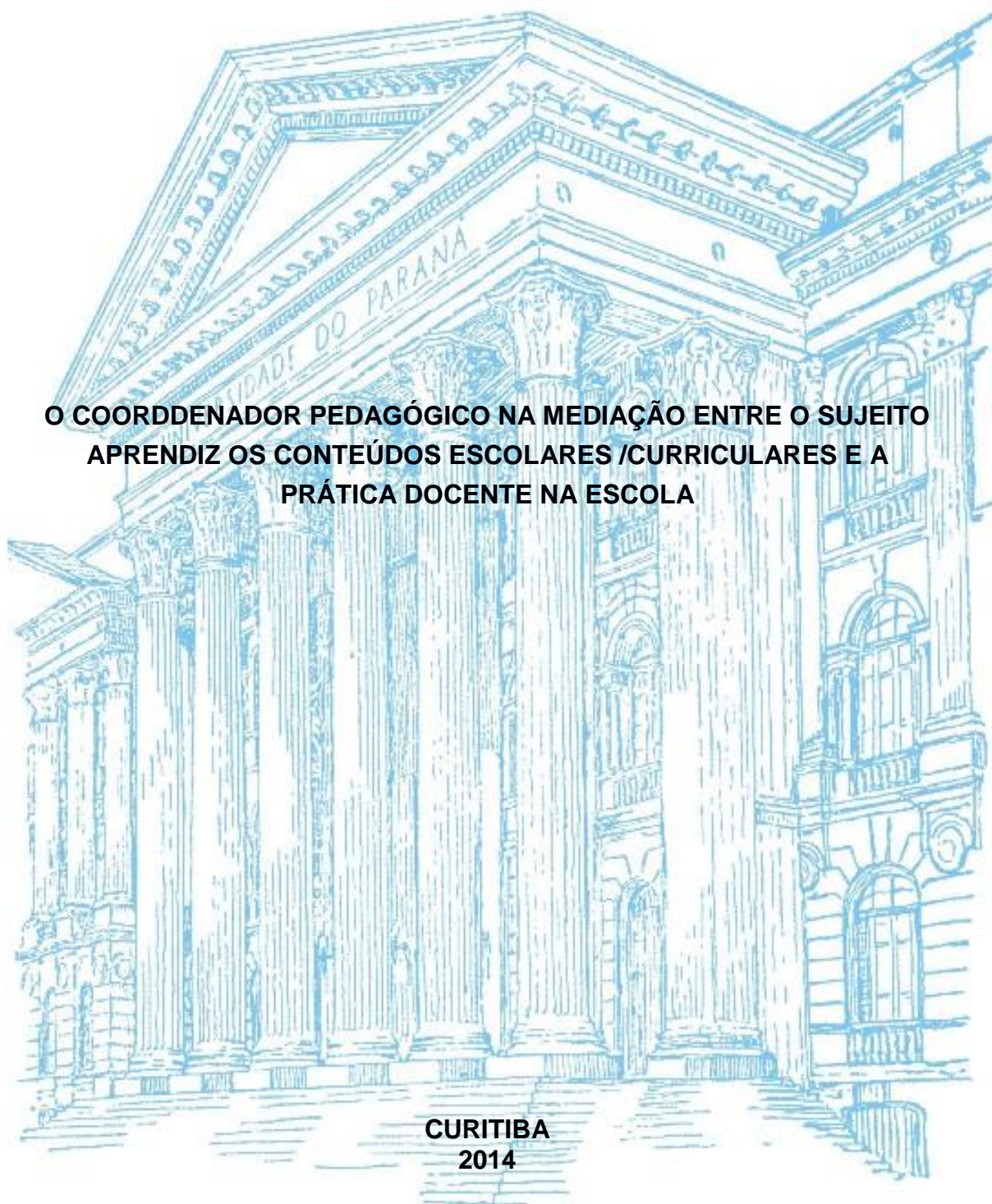
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**MARILDA CANDIDO DOS SANTOS ARCANJO**

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO NA MEDIAÇÃO ENTRE O SUJEITO  
APRENDIZ OS CONTEÚDOS ESCOLARES /CURRICULARES E A  
PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA**

**CURITIBA  
2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**MARILDA CANDIDO DOS SANTOS ARCANJO**

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO NA MEDIAÇÃO ENTRE O SUJEITO  
APRENDIZ OS CONTEÚDOS ESCOLARES /CURRICULARES E A  
PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Ademir Aparecido Pinhelli Mendes

**CURITIBA**  
**2014**

# O COORDENADOR PEDAGÓGICO NA MEDIAÇÃO ENTRE O SUJEITO APRENDIZ OS CONTEÚDOS ESCOLARES /CURRICULARES E A PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA

Autora: ARCANJO, Marilda Candido dos Santos<sup>1</sup>  
Orientador: MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho analisa alguns aspectos pertinentes ao coordenador pedagógico na mediação da prática docente bem como compreender o papel do coordenador pedagógico no cotidiano escolar frente sua atuação diversificada no chão da escola. Certamente se mostram pontuais na organização e desdobramento das atribuições do coordenador em relação ao seu papel, em relação ao seu compromisso teórico-metodológico, ao estabelecimento de ensino um clima organizacional propício ao desenvolvimento de um trabalho pedagógico que respeite as distintas vozes que se apresentam no âmbito escolar. Por meio de pesquisa de campo de uma revisão de literatura, de discussões e análise de vivências no cotidiano da escola, salientaram-se alguns pontos para a discussão dos objetivos do estudo, o que possibilitou constatar que a prática pedagógica se constrói por meio da contribuição de todos os atores sociais e que reflete no trabalho do coordenador pedagógico.

**Palavras-chave:** Escola, Coordenador pedagógico, prática pedagógica, aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

A figura do coordenador pedagógico surgiu com as transformações na educação entre as décadas de 70 a 90. A partir das transformações sociais, políticas, econômica a mudança de valores, a fragilidade da educação. O coordenador professor pedagógico surge em meios a essas inovações educacionais voltadas para projetos diferenciados, mudanças, porém sem nenhuma qualificação o que comprometeu o bom desempenho de sua função.

O papel do coordenador pedagógico muitas vezes é interpretado de forma errônea, sua valorização como profissional contribui para que nas escolas ainda

---

<sup>1</sup> Especialista em Educação Especial. Professora na rede Municipal e Estadual de ensino. Coordenadora de Núcleo Tecnológico Municipal de Educação.

<sup>2</sup> Dr. em Educação. Professor pesquisador do Curso de Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná em convênio com a Universidade Aberta do Brasil.

continue reproduzindo modelos errôneos de se coordenar, sem qualificação e motivação. Sabe-se que o papel desse profissional é fundamental para o bom desenvolvimento da aprendizagem escolar pode-se dizer que na escola o coordenador pedagógico é a pessoa mais importante, sem ele não há um ensino de qualidade.

Desta forma, denota-se a importância de uma especificidade desta função para que este profissional tenha a clareza das atribuições que norteiam o trabalho pedagógico.

Como por exemplo, encontrar as repostas para os seguintes questionamentos:

- a. O que o sujeito aprendiz busca na escola?
- b. O que leva o sujeito a não querer aprender os conhecimentos previamente estabelecidos ou estar dentro do ambiente escolar?
- c. Por que a escola passou a ser encarada por parte dos adolescente como um ponto de encontro?
- d. Professores sem vontade de ensinar diante de um alunado sem perspectiva, o que fazer?
- e. Famílias que buscam soluções para os seus problemas na escola. Como orientar para que as ações se concretizem e venham refletir na escola?

Questões como as apresentadas acima são as que norteiam a prática escolar. Na atualidade vivenciamos a escola como um ambiente que tudo salva, ou “da se um jeito”, pois o sistema educacional cobra números e esses números devem ser positivos.

Enquanto educadora busco maneiras de desenvolver metodologias que venham a enriquecer a minha prática docente partindo do princípio de que a participação do aluno na construção do saber é uma ação imprescindível no processo ensino-aprendizagem para o momento histórico atual. Esse pressuposto gerado a partir de inúmeros estudos indica que, de fato cada indivíduo deve ser inserido no contexto do seu aprendizado, tornando-se sujeito de sua história e agente transformador de sua sociedade.

Segundo VYGOTSKY, mesmo que o indivíduo nasça com predisposição para algo, ele dependerá do aprendizado ao longo de sua vida, adquirido durante as relações permeadas pelo seu grupo social. No entanto, para o estudioso, somente oferecer interações constantes dos alunos com materiais, informações e meio

sociais, não garante aprendizagem significativa, deve-se contextualizá-los de forma a fazer sentido para as necessidades individuais e coletivas.

Diante do exposto volto a questionar somente contextualizando a prática docente o aluno, vai se dispor a ficar na sala de aula, participando, interagindo, realizando as atividades propostas entre outros?

A educação reproduz a sociedade, pois a contradição e o conflito não são tão manifestos na sociedade, porque a reprodução é dominante, observando-se que a educação acaba por fazer o que a classe dominante lhes pede. Como a sociedade, a educação é um campo de luta entre várias tendências e grupos. Ela não pode fazer sozinha a transformação social, pois ela não se consolida e efetiva-se sem a participação da própria sociedade (GADOTTI, 1995).

Portanto a escola está recebendo integrantes de uma sociedade conflituosa com inversão de valores descrentes do certo e errado, não há uma vivência de linearidade escolar e em contra partida deparamos com inúmeras diversidades, globalização, tecnologias entre outros fatores que justificam o atual estado em que se encontra a educação no Brasil. Levando a nos educadores a buscarmos meios de como desenvolver uma prática docente que venha a preencher as lacunas deixada pelos fatores mencionados anteriormente.

A presente investigação tem como objetivo principal compreender o papel do coordenador pedagógico no contexto de um projeto educacional que respeite, e valorize e instigue o aluno a buscar o conhecimento para formação de uma sociedade mais justa e igualitária buscando informações que venham a contribuir para com a prática pedagógica e docente com o intuito de melhorar e buscar soluções no desenvolvimento das atividades escolares.

Tendo como objetivos específicos:

- a) A proposta é desenvolver um estudo que identifique os fatores que levam o desinteresse do sujeito aprendiz pelos conhecimentos transmitidos a ele (aluno) no ambiente escolar.
- b) Por meio da análise das taxas de evasão e desistência escolar, verificar os fatores que levaram os sujeitos a saírem do convívio escolar.
- c) Aplicar questionários e realização de leituras e análise do problema levando assim, a um conhecimento teórico que irá contribuir para minha prática docente levando a melhoria do meu trabalho enquanto mediador do trabalho escolar com a comunidade.

Para tanto, pauta-se numa pesquisa de campo e complementa pela pesquisa bibliográfica, por meio da análise e fichamento de livros, periódicos e banco de dados, no sentido de confrontar teorias diferentes para uma melhor compreensão do tema.

Na atualidade percebe-se no ambiente escolar um grande desinteresse por parte dos alunos enquanto a instituição escola. Os alunos querem estar na escola, não para adquirir o conhecimento, mas sim para troca de afetividade, ideias, cumplicidades e etc.

Os sujeitos envolvidos no trabalho serão os alunos, professores e os coordenadores pedagógicos, a seleção dos envolvidos se dará apenas no quesito na escola, pois foi selecionada a escola na qual atuo. Os materiais a serem usados na busca de informações, serão os dados escolares, presentes na sala de aula e biblioteca.

Os instrumentos de coleta de dados foram questionários. Sabendo da pertinência de combinar a metodologia usada no caso as pesquisas de embasamento teórico como os questionários aplicados.

A fundamentação do material se baseia em definir teoricamente: coordenador pedagógico, o sujeito aprendiz, conteúdos/saberes escolar e curricular como também a prática docente e a escola.

Para o estudo realizado a opção foi o questionário aplicado para os professores, alunos e coordenadores pedagógicos.

## **1 FORMAÇÃO DO PEDAGOGO**

Na década de 1920, entrelaçada com o surgimento de técnicos em escolarização, a figura do coordenador pedagógico situa-se sob uma divisão de papéis. Devido à preocupação com a tecnologia e a formação de profissionais para o mercado de trabalho, houve a separação dos setores administrativo e técnico na escola, como Saviani (2010, p. 26) destaca: “cabe ao diretor ficar com a parte administrativa e o supervisor com a parte técnica”. Tal questão encontra-se explicitada a seguir:

E é quando se quer emprestar à figura do inspetor um papel predominantemente de orientação pedagógica e de estímulo à competência técnica, em lugar da fiscalização para detectar falhas e aplicar punições, que esse profissional passa a ser chamado de supervisor. É este o caso do Estado de São Paulo, onde se reserva o nome de supervisor ao agente educativo que desempenha as funções antes atribuídas ao inspetor, denominando-se coordenador pedagógico ao supervisor que atua nas unidades escolares. (SAVIANI, 2010, p. 27).

O curso de Pedagogia passou por diversas reformulações, que estiveram vinculadas ao desenvolvimento econômico do país. No caso da formação de técnicos em educação, o objetivo fundamental era acelerar o processo de industrialização, uma vez que a preocupação fundamental era com a formação profissional. Segundo Saviani (2010, p. 29), no final da década de 60, já no período militar decorrente da ruptura política consumada com o golpe de 1964, buscou-se ajustar a educação à nova situação por intermédio de novas reformas do ensino. Nesse contexto, surge o Parecer nº 252 de 1969, que reformulou o curso de Pedagogia.

Por intermédio desse parecer, em lugar de se formar o “técnico em educação” com várias funções, sendo que nenhuma era claramente definida como vinha ocorrendo, pretendeu-se especializar o educador numa função particular, sem se preocupar com a inserção no quadro mais amplo do processo educativo. Tais funções eram denominadas “habilitações”. O curso de Pedagogia foi, então, organizado na forma de habilitações que, após um núcleo comum centrado nas disciplinas de fundamentos da educação, ministradas de forma bastante sumária, deveriam garantir uma formação diversificada numa função específica da ação educativa. Foram previstas quatro habilitações centradas nas áreas técnicas, individualizadas por função, a saber: administração, inspeção, supervisão, e orientação. (SAVIANI, 2010, p. 29).

Apesar da especificação das atribuições do supervisor sinalizando a sua profissionalização, “permanecia ainda certa indefinição, de modo especial em relação às funções e intervenções. (SAVIANI, 2010, p. 29). Observa-se que havia uma necessidade de delimitação de papéis, ainda que a habilitação fosse específica a este profissional da educação.

Alterou-se a forma de organização na conjuntura teórica, permanecendo um tanto confuso, na prática, o cumprimento de tais habilitações, principalmente com relação às funções de inspeção. As reformulações burocráticas aconteciam, no entanto, o diálogo com as áreas técnicas não ocorria, o que evidencia o trabalho isolado na prática dessas áreas e a falta de comunicação.

Há que se destacar, ainda, a forma como o curso de pedagogia preparava os profissionais para atuar no trabalho de supervisão educacional, tendo o objetivo de formar técnicos que pudessem aplicar seus conhecimentos na realidade escolar. Acredita-se que não basta aprender fórmulas para resolver as intempéries que ocorrem nos espaços escolares, uma vez que a função do supervisor não se limita apenas à aplicação de métodos e procedimentos.

Segundo Saviani (2010, p. 32), a função do supervisor é precipuamente política e não técnica, enfatizando que aquela se ocultava sob a ênfase em seu caráter técnico. Não basta que o supervisor tenha formação nas habilitações técnicas, que têm por base apenas a mera divisão de tarefas, devendo o curso de Pedagogia oferecer oportunidades para a formação e o preparo de um profissional que possa desempenhar todas as tarefas educativas que integram a lista de atribuições do educador.

Atualmente, os cursos de Pedagogia são voltados à licenciatura, sendo que alguns deles ainda proporcionam a escolha de habilitações: educação infantil, séries iniciais, formação em supervisão e orientação escolar. Alguns cursos, entretanto, oferecem formação em todas essas habilitações, sem que seja preciso optar por uma delas depois de feitas as disciplinas básicas. Já “a atuação na coordenação pedagógica requer segundo o artigo 64 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), a formação em Pedagogia ou Pós- Graduação” (CADERNOS, 1995, p. 18)

## **2 O PAPEL DE COORDENADOR PEDAGÓGICO**

O coordenador pedagógico nasceu de uma concepção progressista, onde as novas formas de gestão escolar e processo ensino aprendizagem foram postas em prática. Atualmente, em nossas escolas o coordenador enfrenta uma carga de trabalho que muitas vezes não faz parte do seu papel prejudicando assim sua real função a de coordenar, planejar e acompanhar todo o processo didático pedagógico.

Brasil conforme nos assegura Urban (1985, apud VASCONCELOS, 2009).

Sabe-se que a Supervisão Educacional foi criada num contexto de ditadura. A Lei 5692/71 a instituiu como serviço específico da Escola de 1º e 2º Graus. Sua função era predominantemente tecnicista e controladora. No contexto da Doutrina de Segurança Nacional adotada em 1967 e no espírito do AI-5 (Ato Institucional nº 5) de 1968, foi feita a reforma universitária. Nela situa-se a reformulação do Curso de Pedagogia. Em 1969 era regulamentada a Reforma



Universitária e aprovado o parecer reformulador do Curso de Pedagogia. O mesmo prepara desde então, generalistas, com o título de especialistas da educação, mas pouco prepara para a prática da educação.

As tarefas que a coordenação acaba tomando para si poderiam ser passadas para outro profissional, sobrando mais tempo para o que é primordial. Segundo Coelho 1996 Para as coisas funcionarem bem, deve existir um trabalho colaborativo, com o envolvimento de todos. Um exemplo é o atendimento de pais. É função do coordenador recebê-los quando se trata de questões pedagógicas. O ideal é que funcionários da secretaria sejam capacitados para fazer uma triagem dos telefonemas e dos pedidos. A escola também ganha ao estipular horários fixos para o atendimento às famílias.

Para Mozart Neves Ramos (2000), conselheiro do movimento Todos Pela Educação, é preciso reconhecer a importância do coordenador na gestão escolar. Ele é o líder da aprendizagem, o responsável por obter bons resultados com o trabalho de formação dos professores, e cada unidade de ensino precisa ter ao menos um profissional, afirma.

Ramos defende ainda ações de legitimação da função no país. "No Plano Nacional de Educação 2011-2020, a meta que se refere à profissionalização da gestão democrática nem cita o coordenador. Sem levar isso em consideração, corremos o risco de ele trabalhar de forma desarticulada dos objetivos da escola".

Atualmente, estamos vivenciando um tempo de muitas mudanças, via de regra impulsionadas pela consolidação do sistema capitalista de produção. Esta nova configuração mundial tem tido reflexos na maneira como ocorre a divisão social do trabalho. No campo educacional, mais especificamente, não tem sido diferente. As relações de trabalho, na escola, têm sofrido modificações nas últimas décadas. Assim, se na gênese da Coordenação Pedagógica, o supervisor era o "fiscal", o chefe que gerenciava a produção - tal qual ocorria na indústria - hoje em dia, almeja-se que este se configure como o que auxilia e contribui para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, objetivando uma educação de qualidade.

É nesta perspectiva, que podemos afirmar que o cargo Coordenação Pedagógica é necessário no ambiente escolar. Mas a realidade nos indica que, para se alcançar o papel a que se propõe o Coordenador Pedagógico, hoje em dia, existe um longo caminho a ser trilhado, uma vez que o almejavél depende de compromisso social, condições materiais favoráveis para o desenvolvimento do trabalho e de

compromisso pessoal, comprometimento dos profissionais da área com a sua profissão, para que esse sonho seja concretizado.

Segundo Nóvoa, a experiência não é nem formadora nem produtora. “É a reflexão sobre a experiência que pode provocar a produção do saber e a formação” (1992,36). O coordenador deve estar sempre preparado para mudanças e sempre pronto para motivar sua equipe na formação do novo cidadão. O coordenador eficiente centraliza as conquistas do grupo de professores e assegura que as boas ideias tenham continuidade.

Além do que se passa dentro das quatro paredes da sala de aula, há muito mais a aprender no convívio do coletivo - no parque, no refeitório, na rua, na comunidade. Só assim é possível que o coordenador efetivamente forme professores (e esse é o seu papel primordial), diria que no dia-a-dia de uma instituição educativa é preciso: dispor segundo certa ordem e método as ações que colaboram para o fortalecimento das relações entre a cultura e a escola; organizar o produto da reflexão dos professores, do planejamento, dos planos de ensino e da avaliação da prática; arranjar as rotinas pedagógicas de acordo com os desejos e as necessidades de todos; e ligar e interligar pessoas, ampliando os ambientes de aprendizagem. Esse é o sentido de ser um bom coordenador, não de uma instituição, mas de processos de aprendizagem e de desenvolvimento tão complexos como os que temos nas escolas.

O trabalho do coordenador deve ser orientado e isso, exige um compromisso muito amplo, não somente com a comunidade na qual se está trabalhando, mas consigo mesmo. Trata-se de um compromisso político que induz a competência profissional e acaba por refletir na ação do educador, em sala de aula, as mudanças almeçadas. Todavia, a tarefa do coordenador é muito difícil de ser realizada, exige participação para a integração em sua complexidade.

Segundo Gandin (1983, p. 89), esta ação não é fácil, porque exige compromisso pessoal de todos como:

- a. abertura de espaços para a participação;
- b. necessidade de crer, de ter fé nas pessoas e nas suas capacidades;
- c. requer globalidade (não é participação em alguns momentos isolados, mas é constante);
- d. distribuição de autoridade;
- e. igualdade de oportunidades em tomada de decisões;

f. democratização do saber.

Diante do exposto até aqui se conclui que a escola, é parte integrante da totalidade social, não é um produto acabado. É resultado, dos conflitos sociais que os trabalhadores vivem nas relações de produção, nas relações sociais e nas lutas de classe. É também fruto das lutas sociais pela escola como lugar para satisfazer a necessidade de conhecimentos, qualificação profissional, e de melhoria de suas condições de vida enquanto possibilita melhores empregos e o acesso a uma maior renda. Não se pode negar este direito aos trabalhadores, e, por isso, a escola pública, apesar dos pesares, é um espaço de Educação Popular.

A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros.  
BRANDÃO 1999, p.15

Nos últimos anos, temos desenvolvido algumas pesquisas de cunho etnográfico, analisando a prática pedagógica bem sucedida. Em todos esses trabalhos, o que sobressai, como principal fator para o sucesso da escola, é a presença de um supervisor que vê sua tarefa como essencialmente pedagógica, que está junto com os professores, discutindo com eles os problemas e buscando as soluções, conhecendo as crianças, enfim, o fato de a escola contar com alguém preocupado com o ensino e que busca meios de auxiliar o professor a tornar a sua tarefa menos árdua contribui sobremaneira para o sucesso da escola. (MEDIANO,1990, p.83).

O coordenador deve ser questionador, “desequilibrador”, provocador, animador e disponibilizando subsídios que permitam o crescimento do grupo, tem um papel relevante na formação dos educadores, ajudando a elevar o nível de consciência: tomada de consciência. Freire (1996), passagem do senso comum à consciência filosófica. Saviani (2003), ou a criação de um novo patamar para o senso comum.

Fusari, (2008) defende que o trabalho ativo e intencional do coordenador, sempre articulado com o projeto político pedagógico da escola, favorece ao professor a tomada de consciência sobre a sua ação e sobre o contexto em que trabalha, bem como, pode-se afirmar, que favorece o próprio repensar do coordenador sobre a sua atuação. O professor, como também o coordenador,

consciente de sua prática, das teorias que embasam e das teorias que cria e desenvolve ao resolver problemas diários, é um profissional inserido no processo de formação contínua, em busca de mudanças e fundamentações criteriosas para a sua prática.

Sabe-se que toda relação educativa, implica um vínculo epistemológico, o qual será objeto do cuidado da coordenação. É como afirma Paulo Freire:

O supervisor é um educador e, se ele é um educador, ele não escapa na sua prática a esta natureza epistemológica da educação. Tem a ver com o conhecimento, com a teoria do conhecimento. O que se pode perguntar é: qual o objeto de conhecimento que interessa diretamente o supervisor. Aí talvez a gente pudesse dizer: é o próprio ato de conhecimento que está se dando na relação educador educando. (FREIRE, 1982, p.95).

O trabalho do professor coordenador é fundamentalmente um trabalho de formação continuada em serviço. Ao subsidiar e organizar a reflexão dos professores sobre as razões que justificam suas opções pedagógicas e sobre as dificuldades que encontram para desenvolver seu trabalho, o professor coordenador está favorecendo a tomada de consciência dos professores sobre suas ações e o conhecimento sobre o contexto escolar em que atuam.

Segundo Rangel, o coordenador pedagógico é aquele que tem por princípio a função coordenativa e articuladora de ações, “É também quem estimula oportunidades de discussão coletiva, crítica e contextualizada do trabalho educativo” (2006, p.147).

Ao estimular o processo de tomada de Segundo Rangel, o coordenador pedagógico é aquele que tem por princípio a função coordenativa e articuladora de ações, “É também quem estimula oportunidades de discussão coletiva, crítica e contextualizada do trabalho educativo” (2006, p.147). Decisão visando a proposição de alternativas para superar esses problemas e ao promover a constante retomada da atividade reflexiva, para readequar e aperfeiçoar as medidas implementadas, o professor coordenador está propiciando condições para o desenvolvimento profissional dos participantes, tornando-os autores de suas próprias práticas.

Esse trabalho é complexo e fundamental, porque busca compreender a realidade escolar e seus desafios, construir alternativas que se mostrem adequadas e satisfatórias para os participantes, propor um mínimo de consistência entre as ações pedagógicas, tornando-as solidárias e não isoladas ou em conflito umas com as outras.

Essa tarefa formadora, articuladora e transformadora é difícil, primeiro, porque não há fórmulas prontas a serem reproduzidas. É preciso criar soluções adequadas a cada realidade. Segundo, porque mudar práticas pedagógicas não se resume a uma tarefa técnica de implementação de novos modelos a substituir programas, métodos de ensino e formas de avaliação costumeiras.

Mudar práticas significa reconhecer limites e deficiências no próprio trabalho, significa lançar olhares questionadores e de estranhamento para práticas que nos são tão familiares que pareçam verdadeiras, evidentes ou impossíveis de serem modificadas.

Significa alterar valores e hábitos que caracterizam de tal modo nossas ações e atitudes que constituem parte importante de nossa identidade pessoal e profissional. Mudar práticas implica o enfrentamento inevitável e delicado de conflitos entre os participantes (professores, alunos, pais e a hierarquia do sistema escolar), originados de visões de mundo, valores, expectativas e interesses diferentes. Mudar práticas pedagógicas significa empreender mudanças em toda cultura organizacional, Garrido (2008).

O professor coordenador por sua vez, encontra dificuldade para realizar sua atividade. É atropelado pelas urgências e necessidades do cotidiano escolar. Enquanto figura nova e sem tradição na escola, tem suas funções ainda não bem definidas, com poucos parceiros e frequentemente sem apoio na unidade escolar, necessita vencer seus medos, seu isolamento para conquistar seu espaço.

Para que a escola possa cumprir com este papel, será necessário investir na mudança de atitude do seu professor, do coordenador, no sentido de criar condições que favoreçam este elo, tendo como objetivo a valorização e a cultura do aluno e busque promover o diálogo com a cultura.

A presença do coordenador é fundamental, como instigador da capacitação docente, destacando a necessidade de adquirir conhecimento e condições de enfrentar as dificuldades próprias de sua profissão, como também, estar preparado para administrar as constantes mudanças, no contexto escolar. Ressaltando que a LDB, no seu capítulo IX afirma: “quando se fala em uma nova abordagem pedagógica (...) e avaliação contínua do aluno, tudo isto exige um novo tipo de formação e treinamento ou formação continuada de professores”.

A LDB no seu art. 22 afirma: “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o

exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Lembrando que a escola deve trabalhar a educação, de maneira a ajudar de forma intencional, sistemática, planejada e contínua para os alunos que a frequentam. Esta educação deve ser diferente da forma como fazem as outras instituições como: a família, os meios de comunicação, o lazer e os outros espaços de construção do conhecimento e de valores para convivência social.

Deve, portanto, assumir explicitamente o compromisso de educar os seus alunos dentro dos princípios democráticos. Ela precisa ser um espaço de práticas sociais em que os alunos não só entrem em contato com valores determinados, mas também aprendam a estabelecer hierarquia entre valores, ampliam sua capacidade de julgamento e realizam escolhas conscientes, adquirindo habilidades de posicionar-se em situações de conflito.

Acredita-se que uma das funções específicas do coordenador é a socialização do saber docente, na medida em que há ela cabe estimular a troca de experiências entre os professores, a discussão e a sistematização de práticas pedagógicas, função complementada pelos órgãos de classe que contribuirá para a construção, não só de uma teoria mais compatível à realidade brasileira, mas também do educador coletivo.

Esse profissional tem que ir além do conhecimento teórico, pois para acompanhar o trabalho pedagógico e estimular os professores é preciso percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e professores, tendo que se manter sempre atualizado, buscando fontes de informação e refletindo sobre sua prática.

Segundo Nóvoa, “a experiência não é nem formadora nem produtora. É a reflexão sobre a experiência que pode provocar a produção do saber e a formação” (2001, p.13) com esse pensamento, ainda é necessário destacar que o trabalho deve acontecer com a colaboração de todos, assim o coordenador deve estar preparado para mudanças e sempre pronto a motivar sua equipe. Dentro das diversas atribuições está o ato de acompanhar o trabalho docente, sendo responsável, pelo elo entre os envolvidos na comunidade educacional.

A questão do relacionamento entre o coordenador e o professor é um fator crucial para uma gestão democrática, para que isso aconteça com estratégias bem formuladas o coordenador não pode perder seu foco.

O coordenador precisa estar sempre atento ao cenário que se apresenta a sua volta valorizando os profissionais da sua equipe e acompanhando os resultados, essa caminhada nem sempre é feita com segurança, pois as diversas informações e responsabilidades o medo e a insegurança também fazem parte dessa trajetória, cabe ao coordenador refletir sobre sua própria prática para superar os obstáculos e aperfeiçoar o processo de ensino – aprendizagem. O trabalho em equipe é fonte inesgotável de superação e valorização do profissional.

Assim, conseguiremos formar o novo cidadão dotado de capacidades e habilidades para ser inserido na sociedade em que vive, mas para que isso ocorra, as escolas devem se organizar em cima do que já tem, ou seja, conhecendo a realidade de seus docentes, pois as escolas participam dos mesmos problemas sociais, no entanto não há receituário para solução dos mesmos, pois cada realidade escolar é diferente, embora os problemas sejam parecidos.

Saviani (2009) destaca a preocupação com os conteúdos trabalhados nas instituições escolares, questionando seus fins e analisando os meios, buscando compreender o motivo pela escolha destes ou daqueles conteúdos. Para o autor, cada sujeito tem direito ao conhecimento, salientando que aqueles que sofrem opressão, na verdade, deixam-se manipular pelo poder de massificação. Relacionando-se o exposto até o momento com a realidade atual, é possível perceber que os conteúdos trabalhados nas escolas hoje, situadas em uma sociedade capitalista, trazem conhecimentos voltados para a área tecnológica e para a formação de profissionais para o mercado de trabalho, ou seja, o processo do opressor e do oprimido se perpetua para satisfazer o sistema e suas necessidades.

A escola, para Saviani “[...] é determinada socialmente; a sociedade em que vivemos, fundada no modo de produção capitalista, é dividida em classes com interesses opostos; portanto, a escola sofre a determinação de conflito de interesses que caracteriza a sociedade” (2009, p.28), O autor, ao abordar a substituição do ensino dos Jesuítas pelos interesses de classes, enfatiza que a classe dominante na sociedade capitalista não busca a transformação histórica da escola, pois está interessada apenas na preservação do seu domínio. Daí decorre a necessidade de que a escola lute contra o processo de marginalidade, de discriminação e de rebaixamento do ensino das camadas populares, libertando-se, dessa forma, dos interesses da classe dominante.

Em meio a pressões de todos os lados - dos docentes, gestores, alunos e familiares - quais seriam, então, as características que fariam do coordenador um profissional capacitado a desempenhar o papel de articulador?

Analisa-se ainda o contexto educacional do coordenador pedagógico, posto que essa figura faz parte da equipe da gestão e tem de encontrar a sua identidade nesse espaço, porém, sem deixar de lado os outros elementos do processo educativo, pois seu trabalho não pode ser feito de uma forma fragmentada, mas sim num constante processo interdisciplinar e participativo. Assim, o coordenador pedagógico passa a ser considerado o interlocutor da formação docente na medida em que proporciona a reflexão sobre a prática e a superação das contradições entre o pensar e o agir.

O primeiro passo é montar um bom plano de trabalho onde as ações devem ser coordenadas e flexíveis de acordo com a realidade escolar, estimular o trabalho em equipe, lembrar que temos um novo papel e por mais que estejamos ligados por laços de efetividade com os colegas temos deveres a cumprir, ou seja, nosso trabalho deve ser voltado para orientação e cobranças de resultados satisfatório da aprendizagem.

A primeira tarefa do Coordenador é tentar mobilizar os colegas a desenvolver um trabalho de equipe, pois essa é uma condição essencial para a melhoria do fazer pedagógico em sala de aula, deixar claro os objetivos comuns da escola, rememorando o compromisso assumido na elaboração do Projeto Pedagógico e do Plano de Ação da Escola.

## **2.1 O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A APRENDIZAGEM ESCOLAR**

O coordenador pedagógico ocupa um espaço amplo na escola tornando-se um ponto de apoio às demais funções da escola. Embora muitas vezes não ser reconhecido em sua especificidade, acaba, sendo influenciado pela prática do imediatismo, socorrendo os conflitos e problemas emergenciais do cotidiano da escola. Suas tarefas acabam sendo confundidas, e desenvolvendo um trabalho pautado na resolução imediata de conflitos, professor substituto e cumpridor de atividades corriqueiras do cotidiano escolar. Quando o seu verdadeiro papel é:

O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas a organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em



vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. (PIMENTA, 1996, P. 116-117).

O fazer e a identidade do pedagogo implicam o envolvimento com práticas educativas, fatos, situações, investigação e atuação dentro da variedade de atividades voltadas para o educando e o educador.

A coordenação é um aspecto da direção, significa a articulação e a convergência do esforço de cada integrante de um grupo visando a atingir os objetivos. Quem coordena tem a responsabilidade de integrar, reunir esforços, liderar, concatenar o trabalho de diversas pessoas. (LIBÂNEO, 2004, p.179).

Para alavancar melhores resultados é primordial analisar o desempenho de professores e alunos nos dois primeiros bimestres e ao lado da direção propor ações efetivas para melhorar esse desempenho.

Neste sentido, com os indicadores da escola em mãos é possível montar um plano de ação visando a melhoria e a recuperação de aprendizagem em várias disciplinas é preciso discutir esses resultados insatisfatório em conjunto ou individualmente com os professores. Isso contribuirá na implementação de ações necessárias a melhoria desenvolver um currículo voltado para utilização de estratégias de aprendizagem e novas metodologias.

O Coordenador pedagógico precisa reestimular o docente envolvido com as deficiências na aprendizagem para o compromisso de tentar novas formas de trabalho capazes de alterar os rumos do processo de ensino. Para que isso aconteça é necessário acompanhar essas ações diariamente.

Acompanhar o processo de aplicação dos conteúdos planejados, não só baseá-lo no registro existente nos livros registros de classe, no caderno dos alunos, bem como o plano de trabalho docente.

É função também do coordenador pedagógico organizar formação continuada com estudos para o aperfeiçoamento dos docentes selecionando textos, normalmente os que tratem de metodologia para o desenvolvimento dos conteúdos.

Acompanhar e analisar as avaliações que serão aplicadas aos alunos e os critérios das mesmas, pois as avaliações devem medir a eficiência dos métodos aplicados em sala. Primar para que a avaliação seja diagnóstica.

Para o processo de recuperação de estudos primar para um novo momento no qual se aplicarão métodos diferenciados para atingir os objetivos propostos pelo professor. Desta forma é necessário que todos estejam imbuídos na melhoria do ensino-aprendizagem.

A escola representa um órgão essencial para a transformação social do cidadão por oferecer processo educativo, abrangendo todos os aspectos do processo de formação do indivíduo, seja intelectual, moral ou social, sendo determinada pela forma como é administrada a escola, contando com os professores regentes que estão trabalhando diretamente com aluno, no repasse de conhecimentos específicos de conteúdos programáticos, Coordenadores Pedagógicos que trabalham no intuito de facilitar o repasse dos conhecimentos.

Enfim, um coordenador pedagógico deve estar ciente do que deve, e como fazer para cumprir o seu papel. No entanto, é preciso deixar claro que com tantos problemas que as escolas vêm enfrentando atualmente como: os socioeconômicos, cultural, familiar, violências de todas as espécies entre outros, o coordenador pedagógico está perdendo a sua função e socorrendo outras causas.

### **3 ANÁLISE DOS DADOS QUALITATIVOS/QUANTITATIVOS**

Os questionários foram aplicados aos alunos, professores e coordenadores do ensino médio de uma Instituição Estadual no período em que verifica o maior índice de evasão e desistência escolar, segundo as análises dos dados da lista de frequência.

Em se tratando dos alunos ao serem questionados verificou-se que as dificuldades de se permanecer em sala de aula se deve a conciliação do horário de trabalho ou a jornada de trabalho com o horário escolar, como também percebem que os conteúdos escolares que não são condizentes com as expectativas (daqueles que as possuem), outros não veem na escola o caminho para melhorar o futuro ou atingir os seus objetivos.

Ao analisar as respostas dadas pelo corpo docente percebe-se que os mesmos não encontram um meio de motivar os alunos a se interessar pelos conteúdos ou que veja na escola um meio de mudar a sociedade onde vive ou a sua própria realidade. Outro fator que foi detectado ao se analisar os dados foi o fato dos professores se dividirem de acordo com as opiniões em relação de como lidar com a evasão ou com esse alunado. Uns dizem que percebem a necessidade de se fazer algo e buscam melhorias para sua prática docente outros simplesmente seguem o curso “lavando suas mãos”.

Por meio da pesquisa buscou analisar alguns fatores que que interferem no trabalho do coordenador pedagógico e que está alheio a seu verdadeiro papel.

E por fim, foram questionados os coordenadores escolares os quais foram unânimes em suas respostas quanto ao desenvolvimento do seu trabalho escolar. Os mesmos não realizam um efetivo trabalho devido aos fatores decorrentes do dia a dia principalmente burocrático, como também desenvolvem um trabalho mais assistencialista do que pedagógico. Realizam diversas tentativas de desenvolver os assuntos pedagógicos, mas não dão continuidade devido aos fatores citados acima.

Sendo assim, verificamos que todo o trabalho do coordenador só é possível a partir de um espaço coletivo de debate com os professores e comunidade escolar. Por meio dessa interação a figura do coordenador pode exercer a sua principal função, a de formador que promove a reflexão contínua junto aos professores sobre a prática pedagógica. Por isso é importante para os coordenadores compreender que a construção de conhecimento junto aos professores não acontece porque o coordenador ensina o professor como ministrar suas aulas, e sim porque existe uma troca de experiências entre eles.

Sendo assim, ele tem o papel de auxiliar, os professores na elaboração de um plano de aulas, incluindo a busca de referências bibliográficas e instrumentos de avaliação. E ainda acompanhar esse plano.

Vimos também que a função do coordenador pedagógico tem se consolidado, mas os próprios coordenadores muitas vezes não sabem qual é sua real função. É o que diz a pesquisa realizada nas escolas a qual revela que apenas os coordenadores acreditam que faz parte do seu trabalho realizar um planejamento pedagógico e buscar melhorias para o ensino, aprendizagem e dificuldades dos alunos.

Podemos verificar também que o coordenador deve passar menos tempo produzindo papéis e mais se dedicando ao professor, aluno e aprendizagem.

Vimos que existem duas vertentes possíveis para que o trabalho do coordenador se estabeleça: uma é a do "faz-tudo" ou "apaga fogo", caracterizada pelo improvisado e pela carência de reflexão educacional; a outra é voltada à formação docente e à construção de um projeto político-pedagógico com planejamento que visam a melhoria da aprendizagem dos alunos.

A maioria dos coordenadores entrevistados disse que o seu trabalho não tem rotina em vista das solicitações constantes que o coordenador enfrenta no seu cotidiano, interferindo diretamente no planejamento de suas atividades diárias. Todavia foi possível verificar que o pedagogo ocupa um amplo espaço na

organização do trabalho pedagógico, sendo um articulador no processo de formação cultural quase dá no interior da escola.

Após a pesquisa, foi possível detectar que o coordenador pedagógico consegue perceber a relevância da formação profissional para garantir uma melhor qualidade de ensino, o que o faz investir nas oficinas e nos cursos de aperfeiçoamento. Ele entende que a formação continuada é um grande avanço no currículo do educador, podendo disponibilizar uma melhoria da educação, identificando, articulando e promovendo mais oportunidade de aprendizagem que é essencial para o trabalho realizado com os educandos.

Sua presença, é fundamental na organização das práticas pedagógicas e conseqüentemente na efetivação das propostas. É o mediador no processo ensino - aprendizagem, de forma a garantir a consistência das ações pedagógicas e administrativas, mesmo que muitas vezes não conseguem cumprir a sua real função.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da pesquisa foi possível concluir que o papel do coordenador pedagógico é bastante relevante para todas as atividades que são desenvolvidas dentro do âmbito escolar, bem como o desenvolvimento intelectual do professor, tendo a função de articulador de todo o processo pedagógico, favorecendo para a administração de ensino de qualidade e que atenda a todas as necessidades de seu público-alvo.

A atuação desse profissional possibilita ao professor ter mais tranquilidade nos trabalhos que serão desenvolvidos dentro de sala, auxiliando em todas as atividades, oferecendo metodológicos e recursos diferenciados para enriquecer as atividades escolares e minimizar as dificuldades encontradas pelo professor durante a execução de suas aulas.

A participação do coordenador pedagógico é fundamental para que esse modelo de educação seja possível, pois ele consegue correlacionar os problemas de dentro do âmbito escolar com as novas possibilidades e novos horizontes existentes fora dele.

A função do coordenador contribui para a reflexão e tomada de decisões, tornando os profissionais de educação mais conscientes das suas responsabilidades

e capacidades, tendo a oportunidade de realizar uma relação teórica e prática, a partir de troca de experiências, estudo de caso e debates sobre os problemas existentes em sala.

Conclui-se, então, que o coordenador não tem mais característica de fiscalizador e controlador dos trabalhos escolares. No contexto atual, esse profissional busca fazer a mediação do problema com a solução das dificuldades, com as possibilidades, fazendo com que aprendizagem ocorra de forma prazerosa e eficiente, evidenciando que a busca por novos conhecimentos favorece significativamente para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, podendo o educador, com o auxílio do coordenador, rever seus posicionamentos a respeito de todos os trabalhos que poderão e deverão ser desenvolvidos, criando metas e ações que possam tornar esses anseios fatos reais.

A pesquisa apresentou algumas reflexões importantes acerca do papel e das atribuições do coordenador pedagógico. Contudo, este trabalho não termina aqui, apenas abre portas para futuras pesquisas que venham a ampliar os estudos sobre este tema.

## REFERÊNCIAS

- FERREIRA, F.W. **Planejamento; sim e não**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- FUSARI, J.C. **O papel do planejamento na formação do educador**. São Paulo, SE/CENP, 3988.
- FUSARI, J. C. **O planejamento da educação escolar; subsídios para ação-reflexão-ação**. São Paulo, SE/COGESp, 1989.
- GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo, Loyola, 1983. SÃO PAULO (ESTADO) Secretaria da Educação. Planejamento de ensino. São Paulo, Coordenadoria de Ensino Básico e Normal 1971.
- SAVIANI, D. **Educação; do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.
- FUSARI, J. C. **Subsídios para o planejamento do trabalho**. São Paulo, Núcleo Experimental da Lapa, 1970. (Projeto 70). 53
- VASCONCELLOS, Celso S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**. São Paulo: Libertad,2000.

VEIGA, Ilma Passos A.(org).**Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção** possível.Campinas:Papirus,1995.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia de Projetos – Etapas, Papéis e Atores**.SP:Erica,2005

PIMENTA, S. G. - **Questões sobre a organização do trabalho na escola**.São Paulo, Ideias v. 16, p. 78-83, 1993

DOURADO, L. F. **Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas**. Campinas. Educação e Sociedade, v. 28, p. 921-946, out. 2007.Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

FERNANDES, M. J. S. **O professor coordenador pedagógico, a articulação do coletivo e as condições de trabalho docente nas escolas públicas estaduais paulistas**. Afinal, o que resta a essa função? SANTOS, L. L. de C. P. e OLIVEIRA, N. H. - O coordenador pedagógico no contexto de gestão democrática da escola

FONSECA, J. P. **Projeto pedagógico: processo e produto na construção coletiva do sucesso escolar**. São Paulo-SP: Jornal da APASE. Secretaria de Educação. São Paulo.SP. Ano II – Nº. 03, 2001.

FUSARI, José. **A formação contínua de professores no cotidiano**. Ideias. São Paulo:FDE, 1992.

LIBANÊO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: Teoria e Prática**. Goiás:Alternativa, 1996.

FALCÃO FILHO, José Leão M. **Supervisão: Uma análise crítica das críticas**. Coletânea vida na escola: os caminhos e o saber coletivo. Belo Horizonte, p 42-49, mai/94.

SANTOS, ODER José dos. **Organização do Processo de Trabalho Docente: Uma análise Crítica**. Texto apresentado no V encontro de Didática e Prática de Ensino. 1989.

SILVA, Moacyr da. **O coordenador pedagógico e a questão da participação nos órgãos colegiados**. In: ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera M. N. de S. O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RAMALHO, de Laurinda Ramalho Almeida e Vera Placco. **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. São Paulo: Loyola, 2005

PIMENTA, Selma Garrido. **O Pedagogo na Escola Pública**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. Orientador Educacional ou Pedagogo. In: **Revista da ANDE**, São Paulo, n. 9, p. 29-37, 1985.

RANGEL, M. **Supervisão Pedagógica: um modelo**. 4º ed. São Paulo: Vozes, 2006.

MEDEIROS, L. **Supervisão Educacional: Possibilidades e Limites**. São Paulo: Autores Associados, 1987.

ALMEIDA, L. R. e PLACCO, V. M. N. de S. **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.